

SEXUALIDADE E DIA-A-DIA NA TERCEIRA IDADE: O CASO DA VILA VICENTINA JÚLIA FREIRE

STEFÂNIA CARTAXO PESSOA
FRANCISCO IVO DANTAS CAVALCANTI
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – PPGCSA
Natal – Rio Grande do Norte – Brasil
stefaniapessoa@terra.com.br

A idéia de que, com a idade, diminui o apetite sexual passou a ser, nos últimos anos, uma idéia errônea e preconcebida, além de falta de conhecimento quanto à vida na terceira idade. A nossa pesquisa numa instituição asilar apontou para vários aspectos que derrubam esta teoria da falta de gosto sexual na terceira idade.

Na pesquisa realizada na Vila Vicentina Júlia Freire em João Pessoa, Paraíba, os albergados se relacionam como se ali fosse a praça da cidade pequena onde as pessoas se encontram e tratam de seus relacionamentos, tanto de amizade, quanto amorosos. Esta sociabilidade se dá no cotidiano, a partir do conceito de pertencimento, como forma de assumir os valores temporários e fazer disto o seu próprio conjunto de significados daquele ambiente único em que foram, praticamente, jogados, pelas circunstâncias da vida de cada um.

Nesse abrigo, que mais parece um condomínio de pequenos apartamentos coletivos ou individuais, os albergados se esbarram, fazem atividades conjuntas, refeições, dividem a mesma área de lazer e caminham lado a lado, tendo a oportunidade de aprofundar laços nessa interação. Esta proximidade, até de certo modo, imposta pelas condições sociais em que todos se encontram, vai proporcionar-lhes a sociabilidade. Sociabilidade essa que torna o ambiente asilar como uma grande família que congrega pessoas de culturas, modo de vida e histórias completamente diferentes.

A pesquisa nos proporcionou observar que esses relacionamentos são organizados por afinidades e até chegam a relacionamentos mais próximos e mais íntimos, como é o caso dos namoros e casamentos no grupo.

Neste artigo, é nosso objetivo contemplar essa convivência.

Quando pensamos no **método** que usaríamos para essa pesquisa, escolhemos o que melhor se enquadraria naquele ambiente asilar. A pesquisa tomou emprestado o método da Entrevista Narrativa, descrita em BAUER & JOVCHELOVITCH(2002), tomando suas sugestões daquilo que melhor poderíamos extrair das falas dos albergados entrevistados, de forma que não interferíssemos no processo narrativo das suas histórias.

A escolha pela EN deveu-se principalmente à relevância desse método, que tem conquistado espaço cada vez maior no meio científico, enquanto método que incentiva o livre pensamento e a livre expressão dos sujeitos de pesquisa, proporcionando canal aberto para a produção historiográfica do objeto da pesquisa. Ora, o que pretendemos, na verdade, é analisar narrações feitas pelo próprio narrador-sujeito dessas histórias, sem que isto sofra, de forma alguma, influência do pesquisador. Acolhemos as sugestões, optando por esse método que contou com quatro etapas, na formalização da EN, dentre os seis passos seguidos desde a entrada no campo de pesquisa. Assim, a partir da *preparação*, formulamos as perguntas iniciais - lançando o uso das questões *exmanentes*, transformadas posteriormente na linguagem dos informantes, ou seja, nas questões *imanentes* - e delineamos o campo por onde iríamos trabalhar. Em seguida, no ato da entrevista narrativa, na primeira fase, a de *iniciação*, utilizamos, em princípio, uma conversa para explicarmos o que iríamos fazer e como eles seriam os atores principais desta pesquisa; no segundo momento, tratou-se da *narração central*, que consiste em deixar o sujeito livre para tecer a sua narrativa sem a interferência do pesquisador; o terceiro ponto, tão importante quanto os demais, foi a fase das *perguntas*, com o objetivo de tentar travar com o sujeito da pesquisa uma linha narrativa de forma a não se

perder o fio condutor de sua história; a última parte, dentro dessa perspectiva, tratou-se da *fala conclusiva*, onde paramos de gravar, contudo sem deixarmos de instigar discussões informais inerentes aos comentários feitos pelos informantes. Assim, fizemos nossas anotações de forma a complementar o trabalho realizado, elaborando assim, por fim, a construção do nosso *protocolo de memórias*.

Ultrapassado esse processo e de posse de todas as narrativas, seguimos, onde podemos, a orientação dos autores acima citados, e fizemos, nós mesmos, as transcrições para que nenhum ponto fosse perdido. Essa medida se deve ao cuidado de respeitar a fonte e de manter com ela um compromisso com a verdade, seguindo, literalmente, aquilo que ela quis compor como história de sua vida.

Nas análises, observamos que a consciência de que a realidade é outra, diferente do que eles viveram na idade jovem, é referida o tempo todo, como se fosse algo dolorido de pensar no presente. A condição de perda de movimentos, possibilidades de ação que o tempo vai diminuindo, nas condições de saúde, provoca neles a idéia de que já não podem ser o que gostariam de ser e de fazer. No entanto, quando se referem às condições de namoro e de casamento, esta questão quase não aparece como empecilho para os relacionamentos. Eles sabem que não são mais os jovens do passado, mas não se sentem completamente incapazes de novos relacionamentos. E isso é delineado no número de casais que se formam dentro da instituição pelos diversos motivos que tentaremos abordar neste artigo. É o que faremos no passo seguinte.

RELACIONAMENTOS

Esses relacionamentos são resultados da necessidade de companhia, muito mais que da preocupação com a atividade sexual. Os casais se formam e vão-se aproximando, entre outros motivos, pela necessidade de sentirem-se vivos e protegidos em um ambiente que a maioria deles não considera familiar. É um ambiente que pode oferecer proteção, mas ao mesmo tempo, é um ambiente hostil a eles, por ser estranho e conflituoso.

Na Vila Vicentina Júlia Freire, encontramos um universo de 38 homens e 29 mulheres, valendo aqui evidenciar essa população, que forma o número de 67 idosos. Este número foi o que encontramos ao iniciarmos a pesquisa, mas ao final, a Vila já contava com os 100% das possíveis acomodações ocupadas, acolhendo setenta idosos, sua quantidade limite. Deste total, entrevistamos dez idosos, cinco homens e cinco mulheres, participantes da amostra da pesquisa, através da escolha do método de Entrevista Narrativa, com o objetivo de identificar, em suas falas, a forma como eles se vêem e ao outro, dentro do tema proposto que seria o de observar a associação deles quanto à qualidade de vida, pela imagem corporal.

A sexualidade é um tema abordado por eles, carregado de seus próprios valores. Na abordagem do assunto, foi necessária muita prudência, vencendo a própria barreira de falar em sexo com pessoas de uma idade em que sexo é encarado como um assunto melindroso e proibido. Com paciência, fomos referindo o assunto, como vemos na fala de uma das albergadas que, quando questionada sobre a possibilidade de casar na idade em que estava, respondeu, relacionando o casamento ao fato de ter que cuidar do parceiro para a vida toda:

“Nem me casava e nem me amigava. Vou ter trabalho? Nem me amigava nem casava. Só o trabalho que esses véi dá. Dá trabalho, um homem.” (Roselaine, 82 anos)

Na fala, surge a idéia de que o casamento serve apenas para proporcionar mais trabalho à mulher no papel de esposa e auxiliadora. Neste caso, não há uma relação explícita de que o casamento seja uma relação de amizade, amor e sexo, mas uma relação em que a idade favorece apenas a possibilidade de um cuidar do outro, como companhia. Para a mulher, tal responsabilidade se torna maior porque ela passa a cuidar da casa e do parceiro como

parte dessa obrigação de cuidadora. É da mulher a parte mais pesada nesses casos, segundo os residentes.

O casamento passa pelo crivo da submissão feminina, e o relacionamento sexual, como um conjunto de relações que submete, apenas a mulher, aos “deveres conjugais”, incluindo o sexo. O que queremos observar nesta abordagem sobre o sexo na terceira idade é a forma como este é encarado e assimilado pelos entrevistados.

Em todo o tempo em que eles falavam, ia ficando explícito que eles sabem muito bem diferenciar o que foram na juventude com o seu próprio comportamento, e hoje, na velhice, mesmo que, com alguns, a memória tenha sido falha.

Muitos deles se vêem e se atraem, mesmo possuindo o olhar sobre a velhice como algo feio. Muitas pessoas, nessa fase da vida, continuam à sexualidade ativa, com exceção apenas para os casos em que a sexualidade está associada à imagem corporal: olhar-se no espelho e ver-se modificar com o tempo. As marcas do tempo podem alterar o apetite sexual, já que o apetite está ligado ao desejo, e este, ao objeto. A vida sexual não está associada a um tempo para terminar, tendo em vista que os estímulos sexuais estão presente na vida de todo ser humano, cuja saúde esteja em perfeito estado; não necessariamente que ele seja colocado em prática em todos, quando levamos em consideração outros fatores externos à prática sexual, como saúde, condições de vida e outras situações não previstas.

Na fala de Vicente, ele fala de uma juventude agitada de quem namorou muito e foi muito assediado pelas mulheres. Fala de sua fama com mulheres bonitas de sua idade e do quanto é criticado dentro da Vila por outro colega, que o acusa de não querer as mulheres da Vila. Defende-se, portanto:

“Quando o negócio dá pra mim, eu boto o papo, mas, quando não dá, eu sai. Oi, eu gostava da Lila, eu já comprei aliança pra Lila, mas Lila acabou, acabou o namoro. Também eu não tenho raiva dela, ela fala comigo. Essa daí eu namorei com ela um bocado de tempo. Comprava as coisa pra ela, mas ela deixou... Eu foi eu quem deixei.”
(Vicente, 74 anos).

Nota-se, no tom do entrevistado, que ele possui personalidade forte, mas também é alguém preocupado com o outro, além de realizar pelas tarefas pelas quais é responsável, como a jardinagem da Vila. O senhor Vicente, também teve um relacionamento com Sayonara, outra albergada. Quando conta como aconteceu a separação do casal, deixa transparecer falta de fé na instituição do casamento legalizado. Vejamos:

“Eu que deixei. Ela achou que namorado aí era forte. Era mais forte, mais mió do que eu. Mas “consei”, o povo deram a ele. Ele chegou daqui novato. Ele entrou, aí quando foi um dia ele disse: “Vicente, dero consei a eu, mode eu namorar com Sayonara, sua namorada, que disse que tu namorava agora, mas não tinha, não queria saber dela mermo, não! Só queria conversar, namorar!” Eu disse, não! Ela que quer casar, eu é que não quero. Eu é que não quero casar. Pra que o caba já véi, casar aqui pra quê?! Aí ele chegou, aí quando foi um dia, tava conversando, conversando, aí eu disse assim, quando eu vi, quando eu vi, eu disse: ‘Certo, Sayonara, muito obrigado, muito obrigado. Faça por viver. Ele é amigo meu, é lá do meu interior, é meu conterrâneo, e conterrâneo meu também! Você acha que tá bom... eu não quero me casar e você quer se casar e eu não quero. Eu quero morar mais você, mas você não queria. Só queria

se fosse casado. E seu Inácio mandou num sei quantas vezes.' Eu nunca me casei." (Vicente, 74 anos)

A namorada a que ele se referia queria casar nos moldes formais: igreja, juiz, vestido de noiva, já que ainda era virgem. O namoro dos dois é explicado pelo senhor Vicente para justificar como era um namoro com mulher e com moça (virgem). Segundo ele, Sayonara tinha, com o mesmo, um namoro de muito respeito. Mas ela queria casar, e ele, não. Daí, a decisão dela de namorar outro homem, no que ele concordou mesmo a contragosto.

Alguns deles relatavam, ainda, o desejo e disposição para a atividade sexual. Em uma das falas, um albergado nos informa sobre os seus tantos problemas de saúde, enumerando-os um a um, gesticulando e mostrando onde eles se localizam. A idéia é a de passar a imagem de alguém que viveu e que, pego de surpresa pela idade avançada, se encontra carecendo de cuidados médicos. Nesse caso, ainda citou algumas cirurgias, que, em seu "entendimento", deveriam ser feitas o mais breve possível.

O que observamos é que os homens, quando se referem à sua saúde física, se apressam a relatar dores e enfermidades, talvez, para justificar a idade. No entanto, ao referirem-se à sua sexualidade, dificilmente citam problemas, como a incapacidade sexual. Muito pelo contrário, mesmo com todo o embaraço de conceder a narrativa gravada a um pesquisador do sexo feminino. Com dificuldade de se expressarem, eles deixam escapar que mantém a vida sexual em perfeita atividade, como relata LIMA (1998):

"A idade não dessexualiza o indivíduo, mas a sociedade que estereotipa e veicula uma sexualidade vinculada à imagem de corpos jovens e saudáveis, impõe aos seus velhos a obrigatoriedade de apresentar uma disfunção orgásmica, de excitabilidade e principalmente de desejo." (apud Lopes e Maia, 1994)

Mesmo que não queiram passar uma imagem de necessidade de atividade sexual, tanto homens, como mulheres deixam escapar que estão ativos sexualmente mesmo que sejam indivíduos solteiros. Porém, alegam que estar casados, ou ligados a uma pessoa é uma decisão difícil de ser tomada, tendo em vista uma vida toda anterior a outros relacionamentos que, em sua maioria, não tiveram muito êxito. Em CAPODIECI, 2000:146), a idéia da necessidade do homem de afirmar-se "ativo" está relacionada até mesmo à sua imagem na sociedade:

"Os indivíduos de sexo masculino podem se tornar vítimas de uma ênfase excessiva pela qual a "masculinidade" é igualada à habilidade física. Os idosos pensam ser avaliados pelos seus coetâneos e julgam a si próprios com base no desempenho sexual, que é comparado com o vigor sexual dos homens jovens; tais comparações só raramente fazem referência ao valor da experiência e à qualidade da sexualidade."

Ora, na verdade, o que ele está "vendendo" é a sua imagem no grupo. E assumir-se como sexualmente ativo estará colocando-o numa posição de saúde e jovialidade, mesmo que ele possua todas as problemas a que se referiu quando tratou de sua saúde.

O senhor Tanyson, quando questionado sobre a necessidade de ter ou não alguém, chegou a dizer que este era um desejo seu e que, provavelmente, aconteceria muito em breve, pois, segundo ele, viver com alguém é sempre muito bom, além de ser a finalidade de todo ser humano. Ainda mais, depois de ter vivido com outras parceiras e de saber como é dura, em sua opinião, a vida de solteiro.

O que pudemos perceber e acompanhar, dentro da instituição asilar que pesquisamos, foi a preocupação dos idosos em manter uma certa aparência de bem-estar, demonstrando que a imagem corporal está associada à maneira como eles cuidam do seu próprio corpo, principalmente no lado feminino: usam bijuterias, maquiagem, objetos para os cabelos e aparecem bem cuidadas. Tal preocupação nos pareceu legítima na questão da imagem que eles querem passar, enquanto pessoas dotadas da consciência de que estão no mundo, independentemente da idade de cada uma. Além do que, a higiene pessoal é requisito básico na sociedade em que vivemos. Essa atitude é pessoal, mas também é extensiva aos outros. Por exemplo, costumam observar os outros. Acreditam que somos aquilo que vestimos, usamos e como higienizamos o ambiente individual.

Na fala deles, encontramos observações que demonstram que eles vêem o outro e tentam expressar a sua dimensão do mundo e da idade através dessa imagem. Observam desde a maquiagem até o comportamento coletivo. Cada detalhe é percebido por eles, até por estarem em um ambiente restrito, onde os mesmos são a própria referência de mundo. Os visitantes e os eventuais parentes são vistos como estrangeiros, com tempo específico para as visitas. É quem fica que faz parte da vida diária deles e dos seus conflitos pessoais.

NAMORO E CASAMENTO

Por estarem tão próximos uns dos outros, os idosos da Vila Vicentina Júlia Freire conduzem as suas vidas entre as atividades diárias e de cuidados, com a interação entre os seus pares. É natural que escolham os mais próximos, com maior possibilidade de identificação para que tenham relações mais estreitas. Na Vila, encontramos dois casais formados que lá se conheceram: Dona Silvana/“Seo” Ronaldo (que chegaram a casar) e “Seo” Emilton/Sayonara que namoravam. A relação deles era permeada de cumplicidade e cuidado, principalmente da parte feminina. Isso fortalece os dois, na questão de estarem em pares, de forma a um apoiar o outro dentro da Vila. Segundo outro entrevistado, o Tanyson, na verdade, há uma preocupação da diretoria em diminuir gastos dentro do albergue e uma forma de fazer isso é formando “casais”. Por outro lado, em alguns casos, seria uma forma de fazer com que as mulheres cuidassem de seus maridos, diminuindo, em parte, o trabalho de terceiros no cuidado dos idosos do albergue. Esta teoria da mulher cuidar do marido é defendida também por outra albergada, citada no começo desse artigo.

Os albergados falam, inclusive, de seus cuidados com a higiene de seus quartos e de seus objetos pessoais. Esta preocupação é comum a todos eles, até para sufocar a idéia preconceituosa de que os idosos não se preocupam com a sua imagem corporal, entregando-se ao abandono e ao desleixo. O cuidado com o ambiente individual que utilizam é uma forma de se manterem, sempre, e em se apresentarem muito bem organizados e asseados. Para eles, como é o caso do senhor Tanyson, torna-se até um capricho estar sempre limpo, de roupas lavadas e engomadas, que ele mesmo cuida, e com o ambiente em que ele vive, sempre bem higienizado. Em sua narrativa e abordado sobre como ele se vê com o seu corpo e sua limpeza pessoal, reconhece que isso faz parte de uma obrigação: a de viver sempre limpo e bem apresentado. Na entrevista, acontecida no dia em que cortou o cabelo em um salão de beleza, fez questão de relatar os elogios recebidos por a dona do salão: *“está bem mais novo, ‘seo’ Tanyson”*, o que o deixou envaidecido.

Os entrevistados e albergados relatam a sua vida dentro da instituição de uma forma que parece que o mundo fora, além das cercanias do albergue, é apenas um detalhe no cenário em que eles vivem. Quando se referem à sua infância ou à vida mais jovens é como um mundo que deixaram para trás com o qual eles não têm mais nenhum contato, é um mundo que não pertencem mais a eles.

Do lado de fora, que agora fecha as portas atrás de si, eles se referem como parentes distantes ou como um filme a que assistiram em um passado que alguns chegam até a confundir, dado o avançado da idade.

É o que veremos ainda em LIMA (1998): a sexualidade não deve ser associada às condições físicas, biológicas, psíquicas ou sociais do indivíduo, mas a forma como os seres humanos se entrelaçam nas relações cotidianas. Estas, sim, vão determinar que sentimento unirá as pessoas, e é esse sentimento que pode ser ou não apenas o desejo que motivará o relacionamento sexual. Não se pode denominar o que as pessoas sentirão ou como se comportarão frente às suas necessidades vitais de existência. Mesmo que a idade possa trazer consigo uma carga toda de preconceitos que determinem a incapacidade do idoso de relacionar-se sexualmente com seus parceiros ou mesmo que ele sinta necessidade dessa prática, não é possível classificar as pessoas e acrescentar a elas bulas de uso e desuso. A sexualidade é algo particular a cada ser humano e único. Não há pessoas iguais e nem envelhecemos da mesma maneira. Cada pessoa possui seu próprio relógio biológico, e ele, sim, é que determinará sua exclusiva necessidade de prática sexual.

DO RELATO DAS DORES E DA VIDA

As atividades na Vila Vicentina Júlia Freire são realizadas por voluntários que vão até ali para prestar variados tipos de trabalho. Pode ser extensão da Universidade na área de estágio, prestação de serviços realizados pelos alunos. É comum encontrarmos estudantes de Educação Física, Enfermagem, Assistência Social, como estagiários, com trabalhos de campo, e outros que simplesmente prestam serviços voluntariamente em favor dos idosos da instituição.

Quando tratamos da saúde deles, para entrar na área da sexualidade de cada um, há uma pressa para relatar que a vida nessa idade é carregada de problemas de saúde. No entanto, dona Sofia, quando se refere à sua saúde não se queixa de nada, agradece por estar viva, aparentando uma comodidade saudável de quem não se queixa da idade. Carrega na fala pausada alguns momentos de esquecimento quando fala de sua infância. Gosta de pronunciar palavras em francês com orgulho de quem estudou quando criança. Orgulha-se de pronunciar as poucas palavras, as quais sua memória lhe favorece em outra língua e chama a atenção por sua docilidade e simpatia.

Refere-se a um problema na perna, causado por uma queda. Mas não se queixa; sempre relata que poderia ser pior e que se encontra em melhor estado que outros. Afirma que sempre pediu para não sofrer na velhice, assim se referindo à sua concepção de Deus e de estar no mundo de forma muito serena:

“Eu não sei se vou pro céu, não é? Mas eu acho que nunca fiz muita coisa errada, não. Não quero que eu fique mudando o que eu penso de Deus. Para mim, Deus é tudo. Se não fosse Ele, eu não estaria aqui. Se eu não estivesse aqui, ou se Deus não existisse, estaria talvez na rua, sem ter onde viver. Como eu não tenho a família, eu fui única, não é? A família sumiu. Os filhos foram pouquíssimos, acho que já não mais tenho, acho até que já se acabaram por aí, quando estavam no Rio de Janeiro. Eu morei quarenta anos no Rio de Janeiro. Adorei aquela terra.”(Sofia, 96 anos)

A forma como se refere à sua família é de uma forma serena, assim como toda a referência que faz sobre a vida. Demonstra ser uma pessoa de uma serenidade moldada pela vida, em momentos, sofrida. Dona Sofia se movimenta com grandes dificuldades, por conta do problema na perna. Entretanto, não a vimos reclamar disso. Não se lembra, a princípio, do nome dos filhos, mas, aos poucos, vai relatando a vida no Rio de Janeiro. Orgulha-se de estar na velhice de uma forma natural, sem doenças e ainda com uma saúde de dar inveja a muitos jovens, com uma das pernas, visivelmente, doente, mas não a fazendo, interiormente, assumir um estado doentio.

Já na entrevista realizada com Larissa, outra albergada, a fluidez do seu pensamento é tão rápido que, às vezes, é difícil acompanhar. Relata o tempo passado como se estivesse revivendo a cena, descrevendo com riqueza de detalhes cada situação vivida. No entanto, no início da entrevista-narrativa, apresentou resistência em contar sua história e sua relação com o corpo e com as pessoas, alegando que a sua vida era particular e não interessava a ninguém. Ressente-se do mundo e de como as pessoas se tornaram materialistas. Isso a atinge, deixa-a muito estressada com a narrativa, até por conta da presença de uma outra albergada, a Sayonara, que interfere no andamento da sua entrevista. Demonstra a sua insatisfação com a vida e com o lugar onde está:

“Eu ando chateada. Dia nenhum é bom pra mim . Quando eu vim pr’áqui, eu cheguei aqui numa boa. Eu tou aqui doente, nervosa. Não tem remédio. Não dá remédio, num dá porra nenhuma. Só faz enganar as pessoas.”(Larissa, 68 anos)

Depois de observar o seu estado de estresse normal naquela entrevista, verificamos de que se tratava de sua incredulidade natural sobre as tantas entrevistas que já havia dado anteriormente sem nenhuma melhora de vida para elas: *“se viesse fazer entrevista comigo que melhorasse, num faltasse nada. Mas, falta. Essas entrevistas num serve de nada para mim. É de pior a pior, como a cantiga da perua..”* Essa sua evidente falta de credulidade, de esperança, tornou a narrativa difícil, e provocou em nós, ao mesmo tempo, uma reflexão da utilidade do trabalho científico: a quem interessa a pesquisa científica? como ela retorna para o nosso objeto de estudo? Tudo isso ficou como experiência para que o nosso trabalho e os que virão sejam, de alguma forma, úteis para ajudar as pessoas que precisam de melhores condições de vida.

A idade da população da Vila Vicentina Júlia Freire varia de 52 a 96 anos. Isto mostra uma diferença de pensamento e de comportamento muito grande. Este comportamento e modo de vida deles, como encaram o mundo, varia até devido à cultura de cada um e origem deles: uns moraram a vida toda na capital; outros são de cidades interioranas onde a moral religiosa e familiar era muito rigorosa. Isto podemos ver ao longo da pesquisa e abordamos em um outro artigo sobre o pensamento religioso dos albergados na Vila Vicentina Júlia Freire, em João Pessoa.

O que ficou em todos foi o mal estar que se espalha entre eles, da necessidade de maior atenção e cuidados. Para quem está ali, em sua maioria, sem familiares, estar rodeado de carinho e cuidados médicos é uma necessidade quase humanitária. São pessoas que estão separadas do mundo, mas que possuem renda e, como tal, precisam de condições de vida, nesse estágio de idade em que tudo é, cuidado, atenção e atividade física.

Na narrativa de Tanyson, que atualmente se encontra fora da Vila, há muitas queixas sobre o funcionamento administrativo da entidade. Essas queixas são carregadas na fala e demonstram a sua preocupação com a instituição asilar desde o tempo em que ali morava. “Seo” Tanyson relata o tempo inteiro a sua observação com o funcionamento da Vila.

O que se evidencia em todos são modos de ver o mundo. Trazem em suas falas a experiência passada, tentando escolher para si coisas diferentes do que tiveram anteriormente. Cada um vê o local em que vive de uma forma diferente. Mas, todos, igualmente, tentam viver em uma comunidade, tendo o cuidado de se resguardarem de problemas e de desentendimento com a diretoria, principalmente, para que possam desfrutar da convivência pacífica na instituição.

Os novos relacionamentos interpessoais só podem ocorrer quando há uma disponibilidade de procura. O princípio é o que alguém precisa procurar e que outra pessoa necessite ser encontrada. Essa possibilidade criada resta às oportunidades no convívio diário, para vencer as barreiras do isolamento e da solidão.

CONSIDERAÇÕES

Ao nosso ver, os idosos são pressionados pela sociedade a pensarem sempre que sexo fora da idade jovem é algo difícil e pouco improvável por conta de todo um conjunto de aparente incapacidade pelo estereótipo da velhice. Mas, o que vemos mesmo é uma contínua preocupação desses idosos em estar sempre ativos e bem participativos dentro da sociedade, preservando o espaço que conquistaram como jovens e, mais ainda, agora, comprovando que a idade nada tem a ver com a prática sexual.

Outros fatores, sim, são mais preocupantes, os quais têm atingido boa parte dos nossos idosos, que é a sua condição de vida, de esportes e de lazer e a sua qualidade de vida. Quem estará realmente preocupado em proteger esses idosos de pessoas inescrupulosas que passam a manipular a suas vidas e a controlar suas finanças, pondo em risco até mesmo a vida desses idosos. Instituições se proliferam cada vez mais em formas de abrigos e de instituições de proteção à velhice. Medidas de fiscalização mais eficazes são necessárias para salvaguardar o direito de ser velho e de continuar exercendo o direito à cidadania. Que as famílias tenham um papel de maior responsabilidade e possam dar a esses idosos o carinho e o cuidado que receberam deles, em outras épocas. Em nossa pesquisa, observamos idosos abandonados, desprovidos de parentes que vivem sozinhos em albergues e que sofrem todo tipo de constrangimento. O constrangimento da solidão de familiares, de atenção e, até mesmo, o constrangimento de ser encarado no mundo como um ser humano que pode enfim ser descartável, como peça sem uso.

Isso é uma realidade preocupante e deve fazer parte de mais pesquisas e de mais atenção da sociedade, bem como da academia, mais do que a sua vida sexual. O modelo de qualidade de vida passa inevitavelmente pelas condições de moradia, alimentação, lazer, saúde e atividades físicas. E isso precisa, sim, ser observado mais cuidadosamente, a fim de que possamos restituir ao idoso a sua auto-estima, segurança e esperança no futuro que o aguarda.

Deixar que o idoso se expresse, que ele se veja no espelho e no outro e que possa juntamente com todas as pessoas que fazem parte de cada instituição asilar, escrever o seu futuro com a dignidade de quem se respeita e respeita o outro.

O que observamos, em toda a pesquisa na Vila Vicentina Júlia Freire, foi uma carência natural das pessoas até por conta de sua condição física e social, buscando nos outros o apoio e a atenção necessária no cotidiano de albergue.

Bibliography

LIMA, Nivaldo Bezerra de. **Velhice e Prazer. Preconceitos sobre a sexualidade na terceira idade.** Dissertação de Mestrado, João Pessoa, Paraíba, 1998.

CAPODIECI, Salvatore. **A idade dos sentimentos. Amor e sexualidade após os sessenta anos.** Edusc, São Paulo, 2000.

Entrevistas com os albergados da Vila Vicentina Júlia Freire na pesquisa de Doutorado, Stefânia Cartaxo Pessoa, João Pessoa, Paraíba, 2006.

SFEZ, Lucien. **A saúde perfeita: crítica de um nova utopia.** São Paulo: Loyola, 1996.

MOTTA, Flavia de Mattos. **Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice.** 1990. 183 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BARROS, Myriam Lins de. **Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice.** *Perspectivas Antropológicas da Mulher.* n.2, 1981.

Consulted Sites:

Psiqueweb. **O sexo nos idosos.** Available Online at <http://gballone.sites.uol.com.br/sexo/sexo65.html> Consulted on 15/05/2007.

Universidade Aberta à Terceira Idade. **Sexualidade**. Available Online at <http://www.virtual.epm.br/uati/seminarios/sexualidade/3.htm>. Consulted on 15/05/2007
PARISSOTO, Luciana. **Sexo na Idade Madura: Uma Opção de Vida Melhor**. ABC do Corpo Salutar. Available Online at: <http://www.abcdocorposalutar.com.br/artigo.php?codArt=28> Accessed on 20/05/2007.

Stefânia Cartaxo Pessoa (UFRN)
Rua Antônio Gama, 660. Apt. 203-B – Tambauzinho
João Pessoa – Paraíba – Brasil
CEP 58041-110 – Telefone: (83) 3531-6059
Celular: (83) 8871 3331